

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SALESIANO DE SÃO PAULO**

Bruno Richard Inácio

**A INTELIGÊNCIA COLETIVA E OS SEUS IMPACTOS NO CIBERESPAÇO À LUZ  
DE PLATÃO**

Artigo Interdisciplinar do 1º semestre do  
Curso de Filosofia realizado sob a  
orientação do Professor Doutor Mário José  
Dias.

Lorena

2016

# A INTELIGÊNCIA COLETIVA E OS SEUS IMPACTOS NO CIBERESPAÇO À LUZ DE PLATÃO

Bruno Richard Inácio<sup>1</sup>

## RESUMO

A partir da leitura do Livro X, de *A República*, o presente artigo tenciona encontrar alguns fatores que possam compreender se realmente o ser humano, nesse contexto contemporâneo, busca o conhecimento profundo, ao utilizar a inteligência coletiva proposta pelo ciberespaço. Com o *Mito de Er*, apresentado neste livro, entende-se que a ação do homem sempre gera um retorno para ele mesmo, ou seja, outra pessoa não pode se responsabilizar pelas atitudes de outrem, tanto que, ao narrar o mito Platão, deixa claro que existem dois caminhos. Um está voltado para aqueles que buscam o conhecimento verdadeiro e o outro está voltado aos que buscam um conhecimento sensível.

**Palavras-Chave:** Platão. Conhecimento. Escolhas. Inteligência Coletiva. Ciberespaço.

**Sumário:** Introdução. 1. Platão: breve síntese biográfica. 2. O conceito platônico de visão e de imitação. 3. Conceito de inteligência coletiva. 4. A abordagem da visão profunda e da inteligência coletiva no ciberespaço. 5. O *Mito de Er* e o ciberespaço. Conclusão. Referências.

## INTRODUÇÃO

Platão (427-347 a.C.) argumenta a importância do conhecimento verdadeiro e da busca pela visão profunda das coisas em sua obra *A República*, Livro X, escrito por volta de 380 a.C. Conseqüentemente, o conhecimento verdadeiro e a visão profunda trazem como resultado as escolhas realizadas pelas pessoas dentro de um determinado contexto.

Sendo assim, o presente artigo tem dois objetivos: a) em um primeiro momento, apresentar a argumentação atemporal da filosofia platônica sobre a forma e a busca pelo conhecimento verdadeiro; b) em seguida, buscar semelhanças entre o conhecimento verdadeiro de Platão e as questões propostas por Pierre Lévy acerca do conceito de ciberespaço.

A decisão de trabalhar a inteligência coletiva e os seus impactos no ciberespaço à luz das ideias de Platão como tema justifica-se pela necessidade de compreender qual é o papel da escolha do ser humano diante do ciberespaço, bem

---

<sup>1</sup> Aluno do primeiro semestre do curso de Filosofia do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL) – Unidade Lorena.

como a sua importância na busca do conhecimento profundo. Nesse sentido, buscase analisar os conceitos de visão e de imitação proposto por Platão e a definição de inteligência e inteligência coletiva proposta pelo filósofo contemporâneo Pierre Lévy (1956-). O *Mito de Er*, apresentado por Platão neste livro, é a base deste estudo, pois a sua aplicabilidade mostra-se atemporal para a situação das redes sociais, mais especificamente, para o *Facebook*. Por fim, objetiva-se mostrar como o ser humano atua e escolhe diante das realidades propostas pelo ciberespaço e, por conseguinte, como o próprio ser humano busca o conhecimento.

Partindo deste mito platônico, compreender– levando em consideração o tempo e os objetivos diferentes das teorias expostas neste estudo – a possibilidade de explicar que a busca do conhecimento dentro do ciberespaço pode tornar-se realidade, quando o indivíduo faz o uso adequado da liberdade de escolha. Deste modo, para possibilitar a atualização do conhecimento profundo apresentado por Platão, utilizam-se também as ideias do filósofo contemporâneo Pierre Lévy, o qual conceitua a inteligência coletiva e o ciberespaço. Reafirma-se, pois, que embora os dois filósofos sejam de séculos diferentes é possível compreender que a escolha na busca do conhecimento pertence ao ser humano na concretização da sua liberdade.

## 1 PLATÃO: BREVE SÍNTESE BIOGRÁFICA

Platão nasceu em Atenas (427-347 a.C.), no ano seguinte ao da morte do grande líder político ateniense, Péricles (REZENDE, 2005). Devido à liberdade política, a vida de Platão transcorreu com excepcionais condições de desenvolvimento econômico e social. No período clássico, também conhecido como o Século de Péricles ou Século do Ouro, Atenas atingiu o apogeu em todos os seus setores, passando de um regime comunitário para um regime democrático, ou seja, o *Pater familias* deixa a posição de administrador e a *Pólis* fica responsável pela Cidade-Estado. Pertencente a uma família ateniense de classe social alta, Platão sempre sonhou em fazer parte da carreira política. O interesse pela política atribui-se ao fato de ser descendente do grande legislador Sólon e por ser parente de Cármides e Crítias, dois dos “30 tiranos” que assumiram o poder em Atenas. Com relação à juventude e a sua iniciação na Filosofia, Antonio Rezende afirma que:

Ainda jovem, Platão ingressou-se também na filosofia. Primeiro por intermédio de Crátilo, pensador que adotava, de forma certamente

empobrecida, a tese de Heráclito de Éfeso sobre o movimento universal, que transforma incessantemente todas as coisas. Mas o grande acontecimento da mocidade de Platão foi encontrar Sócrates, o conversador insaciável, o perguntador implacável, espécie de vagabundo loquaz. Sócrates afirmava saber apenas que nada sabia. (REZENDE, 2005, p.52).

Platão funda sua Academia, por volta de 387 a.C., com intenção de partilhar com seus companheiros filósofos conhecimentos voltados à matemática, à dialética e a outros estudos. Os temas mais comuns de seus escritos estão voltados às questões políticas, éticas, virtude e justiça, que servem de base para uma educação voltada à formação do cidadão da *Pólis* grega.

De acordo com R. M. Hare (2009, p. 16), em 399 a.C., Sócrates, o mestre de Platão, é condenado à morte, por ser acusado de descrença aos deuses e de corrupção da juventude. Platão ficou profundamente marcado pela morte de Sócrates o que o levou a escrever vários de seus Diálogos defendendo o mestre, dentre eles: a *Apologia de Sócrates*, o *Crítton* e o *Fédon*. “Até o final da vida, Platão dividiu-se entre as atividades de magistério e pesquisa na Academia, as tentativas de interferir na política (sobretudo em Siracusa) e a realização de suas obras – seus famosos *Diálogos*” (REZENDE, 2005, p. 55). Por causas naturais, Platão faleceu em 347 a.C.

## 2 O CONCEITO PLATÔNICO DE VISÃO E DE IMITAÇÃO

No Livro X de *A República*, Platão narra o diálogo de Sócrates com Glauco no qual esclarece a diferença entre a ciência, ignorância e imitação, destacando a importância de buscar o conhecimento verdadeiro através da experiência real e essencial. Um dos pilares da filosofia platônica está baseada no mundo das ideias<sup>2</sup>. Sendo assim, tudo o que pertencer ao mundo sensível<sup>3</sup> demonstrará um conhecimento subjetivo, em alguns casos até falso e/ou duvidoso. O conhecimento sensível não é inválido para a vida, mas representa que o ser humano não pode viver com base nas sensações, pois ele precisa buscar a essência, fazendo uso da razão. Dessa maneira, através da concepção do conhecimento filosófico identifica-se a importância de buscar uma visão profunda das coisas, caso contrário o homem poderá ser apenas um pintor da realidade com base superficial do que seria a

---

<sup>2</sup> Conhecimento inteligível – adquirido através da razão.

<sup>3</sup> Conhecimento subjetivo – adquirido através do mito e das emoções.

experiência real de cada coisa. Sobre isso, afirma Platão: “Muitas vezes os que têm uma vista fraca descobriram primeiro as coisas do que os que a têm penetrante” (PLATÃO, 2000, p. 293).

Platão, ao se referir a Sócrates constata, no Livro X de *A República*, que o pintor é aquele que, basicamente, consegue fazer de forma quase “perfeita” a imitação de um objeto, de uma paisagem, de uma pessoa, porém, é apenas aparência do real (PLATÃO, 2000), posto que, conforme a disposição e o olhar que o artista tem para fazer a obra, criará apenas uma imitação na qual poderia ser determinada coisa no real. Sócrates, no diálogo com Glauco, narrado por Platão, constata:

Mas afigura-se-me, meu amigo que de todos os assuntos, se disse apenas o seguinte: quando alguém nos anunciar, a respeito de outrem, que encontrou um homem conhecedor de todos os ofícios e de tudo quanto cada um sabe no seu domínio, e com não menos exatidão do que qualquer especialista, deve responder-se a uma pessoa dessas que é um ingênuo, e que, ao que parece, deu com um charlatão e um imitador, por quem foi iludido, de maneira que lhe pareceu um sábio universal, devido a ele não ser capaz de extremar a ciência da ignorância e da imitação. (PLATÃO, 2000, p. 297).

Nesse sentido, a experiência real é adquirida por cada indivíduo no exercício cotidiano prático e na utilização das ciências. A ciência tem diversas áreas de abrangência e de foco, o que a faz conhecedora de assuntos específicos. Por exemplo, a biologia, vai tratar de assuntos relacionados aos seres vivos, já as ciências físicas vão estudar os fenômenos e as estruturas da natureza. Com a filosofia não é diferente, uma vez que ela é a ciência da sabedoria que se diferencia das demais pelo fato de estudar as chamadas “causas primeiras” de todas as coisas. Platão e Aristóteles apontam um dado importante sobre a evolução da filosofia:

Os homens começaram a filosofar, tanto agora como nas origens, *por causa da admiração*: no princípio, eles ficavam maravilhados diante das dificuldades mais simples; em seguida, progredindo pouco a pouco, chegaram a se propor problemas sempre maiores, como os problemas relativos aos fenômenos da lua, do sol e dos astros e, depois, *os problemas relativos à origem de todo o universo*. (apud REALE, 1990, p. 23).

Em pleno século XXI, a definição de filosofia apresentada por Platão e Aristóteles torna-se atemporal, pois o homem pode ter adquirido conhecimento

sobre os fenômenos citados, mas com a evolução do mundo, a busca pelo conhecimento necessita de novos horizontes. Evoluir significa abrir a visão e penetrá-la na realidade do ser humano em busca do que realmente é essencial, caso contrário a pessoa continuará com a vista fraca.

Após frisar o conceito de visão e imitação segundo Platão, é válido entendermos também o que é inteligência coletiva na ótica do filósofo contemporâneo Pierre Lévy, pois ela nos auxiliará à compreensão do conhecimento e escolhas propostas por Platão.

### 3 CONCEITO DE INTELIGÊNCIA COLETIVA

Segundo Pierre Lévy (1956-), é preciso primeiro esclarecer a definição de inteligência para depois entendê-la na sua dimensão coletiva. A inteligência, pois, para Lévy, é considerada como o conjunto canônico das aptidões cognitivas, ou seja, o conjunto das capacidades de perceber, de lembrar, de aprender, de imaginar e de raciocinar (Lévy, 1996). Através do conceito de inteligência, fica claro que cada indivíduo possui suas aptidões cognitivas e essas são compartilhadas diariamente com os seres humanos, através do diálogo real ou virtual, mediada pela internet.

Para Lévy, a inteligência coletiva “É uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada e mobilizada em tempo real” (LÉVY, 2011, p. 31). A inteligência coletiva está voltada às questões culturais com as quais as somas das inteligências individuais são compartilhadas no ciberespaço. A definição proposta por Lévy de inteligência e de inteligência coletiva assegura que:

Cada indivíduo humano possui um cérebro particular, que se desenvolveu, grosso modo, sobre o mesmo modelo que o dos outros membros de sua espécie. Pela biologia, nossas inteligências são individuais e semelhantes (embora não idênticas). Pela cultura, em troca, nossa inteligência é altamente variável e coletiva. Com efeito, a dimensão social da inteligência está intimamente ligada às linguagens, às técnicas e às instituições, notoriamente diferentes conforme os lugares e as épocas. (LÉVY, 1996, p. 99)

Lévy expõe que a dimensão da coletividade da Inteligência é marcada por três elementos, a saber: a linguagem, a técnica e a instituição. A linguagem aponta para a ideia de como as pessoas percebem o mundo. Esse elemento é marcado pela experiência vivida em determinada comunidade e influenciado pelas heranças,

pelos conflitos e pelos projetos. A técnica está voltada para as ferramentas e funcionam em três níveis diferentes: direto (máquinas fotográficas, telefones, etc.), indireto (as redes de computadores, os aviões, etc.) e metafórico (aprendizado adquirido pelos fenômenos ou problemas mais abstratos). Assim, as instituições são aquelas que influenciam diretamente na forma de pensar dos seres humanos (LÉVY, 1996).

Depois de analisadas brevemente, as definições de visão e de imitação na perspectiva de Platão e de conceituar inteligência coletiva, segundo Pierre Lévy, é necessário compreender como essas definições e esses conceitos são aplicados no mundo virtual denominado como ciberespaço.

#### 4 A ABORDAGEM DA VISÃO PROFUNDA E DA INTELIGÊNCIA COLETIVA NO CIBERESPAÇO

A sociedade vive em constante crescimento nos aspectos culturais, religiosos e socioeconômicos. Com o objetivo de entender a evolução e o conhecimento da visão profunda abordada por Platão e a abordagem da inteligência coletiva apresentada por Pierre Lévy no ciberespaço, alguns questionamentos se fazem necessários: É possível o ser humano ser capaz de fazer escolhas no ciberespaço? Como compreender a visão proposta por Platão dentro do ciberespaço? Essas e outras questões podem ajudar na compreensão sobre a possibilidade e a importância da aplicabilidade do conhecimento no ciberespaço à luz de Platão, especificamente, quando se trata da busca pelo conhecimento inteligível.

O ciberespaço é um termo definido por Pierre Lévy (2010, p. 29) como “dispositivo de comunicação interativo comunitário, apresenta-se como um dos instrumentos privilegiados da inteligência coletiva”. Analisar o ciberespaço a partir dessa definição significa olhar com positividade para o mundo virtual, pois a inteligência coletiva envolve muitos indivíduos que têm aptidões cognitivas, logo supõem-se que o ciberespaço deveria ser e ter um portfólio de conhecimento, pois quem alimenta essas informações é o próprio indivíduo. Pode-se observar a questão do uso da inteligência apresentado por Andrew Keen no exemplo do mecanismo de busca do Google, a saber:

A lógica do mecanismo de busca do Google, que os tecnólogos chamam de seu algoritmo, reflete a “sabedoria” das massas. Em outras palavras, quanto mais pessoas clicam num link que resulta de uma busca, mais provável se torna que esse link apareça em buscas subseqüentes. O mecanismo de busca é uma agregação dos 90 milhões de perguntas que fazemos coletivamente ao Google a cada dia; em outras palavras, ele só nos diz o que já sabemos. (KENN, 2009, p. 11).

A partir desse exemplo proposto por Kenn, identifica-se que na concepção de Platão, esta ferramenta de busca do Google poderia, analogamente, ser considerada uma possível imitação da “sabedoria verdadeira”. Em outras palavras, esse mecanismo pode não ser um caminho para se chegar à visão penetrante, porque depende das escolhas da pessoa que o utiliza. Ademais, voltando-se ao exemplo do pintor apresentado por Platão no diálogo entre Sócrates e Glauco, verifica-se:

Portanto, a arte de imitar está bem longe da verdade, e se executa tudo, ao que parece, é pelo fato de atingir apenas uma pequena porção de cada coisa, que não passa de uma aparição. Por exemplo, diremos que o pintor nos pintará um sapateiro, um carpinteiro, e os demais artífices, sem nada conhecer dos respectivos ofícios. Mas nem por isso deixará de ludibriar as crianças e os homens ignorantes, se for bom pintor, desenhando um carpinteiro e mostrando-o de longe com a semelhança, que lhe imprimiu, de um autêntico carpinteiro. (PLATÃO, 2000, p. 296).

Por conseguinte, a visão penetrante parte do princípio da autenticidade do ser. No exemplo do Google, a “sabedoria” é o suposto aspecto obtido através da pesquisa que não garante a clareza através das informações adquiridas, ou seja, pode ser que o primeiro *link* que aparece no resultado da busca não seja idôneo, porque seguiu o parâmetro da quantidade de acessos ou de “visitas”. Contudo, as informações pesquisadas podem até camuflar a verdade para algumas pessoas, principalmente àquelas que buscam informações rápidas e sem credibilidade. Todavia, não significa que o mecanismo de pesquisa do Google não traz informações verdadeiras. Segundo Platão: “[...] jamais julgaremos que o corpo é destruído pela má qualidade dos alimentos, por estes serem uma coisa, e o corpo outra, desde que o mal alheio não tenha provocado nele o mal que lhe é próprio” (PLATÃO, 2000, p.309). Por tanto, a questão da veracidade ou não do material pesquisado no ciberespaço vai depender da escolha feita pelo internauta.

Lévy explica que “o crescimento do ciberespaço não determina automaticamente o desenvolvimento da inteligência coletiva, apenas fornece a esta

inteligência um ambiente propício” (LÉVY, 2010, p. 30). Algumas novas formas de isolamento e de sobrecarga cognitiva permeiam o ciberespaço, tais como: estresse pela comunicação, dependência (vícios em jogos virtuais), dominação (domínio quase monopolista de algumas potências econômicas sobre funções importantes da rede), exploração (casos de trabalho monitorado a distância e mesmo *bobagem coletiva* em comunidades virtuais). Keen concorda com Lévy na medida em que observa e usa como exemplo de um possível isolamento a proposta do slogan do *Youtube*, a saber:

O slogan do Youtube é "Transmita-se a si mesmo". E transmitir a nós mesmos é o que fazemos, com toda a autoadmiração desavergonhada do narciso mítico. À medida que a mídia convencional tradicional é substituída por uma imprensa personalizada, a internet torna-se um espelho de nós mesmos. Em vez de usá-la para buscar notícias, informação ou cultura, nós a usamos para SERMOS de fato a notícia, a informação, a cultura. (KEEN, 2009, p. 12).

É pertinente exemplificar também algo que está no mundo e, paulatinamente, cria-se um conceito errôneo de liberdade conhecido como a influência do ciberespaço na garantia do ser livre. Por liberdade de expressão, Lévy entende que:

De algumas dezenas de anos para cá, nossa espécie deu um salto de inteligência coletiva do qual a expansão do ciberespaço é, ao mesmo tempo, o sinal e o instrumento. [...] O ciberespaço propõe uma liberdade de expressão e de navegação, na esfera informacional, infinitamente maior que todos os outros media anteriores e, simultaneamente, uma ferramenta sem precedente de inteligência coletiva. (LÉVY, 2003, p.216).

A fim de compreender melhor a liberdade que trata Lévy, tomar-se-á como exemplo o *Facebook*. A princípio, a pessoa que possui seu perfil nessa rede tem a autonomia de “postar” tudo que achar viável para si. Mas, o “postar” não finaliza com uma foto, uma *hashtags* ou escrita, vai adiante, porque se a pessoa visualizar que seu suposto amigo internauta, sendo este conhecido ou não fez uma “postagem” muito acessada<sup>4</sup>, automaticamente, fará o mesmo, ou seja, irá “postar” alguma coisa no seu perfil, independentemente do conteúdo ou contexto, pois o importante é usar um ciberespaço com a intenção de “sermos”, como afirma Keen no caso do *Youtube*. Atualizando para a ideia de Platão, o mesmo caso pode ser visto como

---

<sup>4</sup> No *Facebook* a postagem que é muito acessada denomina-se com a palavra “curtidas”.

uma imitação sem uma visão profunda ou ainda como uma influência da inteligência coletiva como propõe Lévy.

## 5 O MITO DE ER E O CIBERESPAÇO

O Livro X, conhecido também como o *Mito de Er*, de *A República*, argumentado por Platão em aproximadamente 380 a.C., ilumina a compreensão do homem que busca o conhecimento verdadeiro no ciberespaço em pleno século XXI. Em síntese, o mito narra a história de Er, filho de Armênio, originário da Panfília. Ele morrera numa batalha e retornou do além, trazendo a mensagem de que o essencial é que, independentemente de quais forem as injustiças cometidas e as pessoas prejudicadas, as almas injustas pagarão a pena de acordo com o que tiverem feito na vida, a fim de que pudesse haver uma purificação da alma. Em outras palavras, Er traz a notícia de que a purificação da alma de cada pessoa depende das suas escolhas realizadas na terra. Através das considerações apresentadas por Platão, é possível identificar um fato muito significativo e que pode, analogamente, ser atualizado para o exemplo do *Facebook*, pois percebe-se que o mito transmite a ideia de julgamento voltado às escolhas.

Segundo Platão, “a virtude não tem senhor, cada um a terá em maior ou menor grau, conforme a honrar ou a desonrar. A responsabilidade é de quem escolhe. O deus é isento de culpa.” (PLATÃO, 2000, p. 316). Essa ideia pode ser adequada para se entender o ciberespaço. Uma vez citado o *Facebook*, identifica-se que a pessoa é a responsável de cultivar e usar a virtude. No entanto, muitas vezes ela se envolve de tal forma que acaba deixando a virtude de lado e como consequência acreditando que o essencial é fazer aquilo que o outro faz, deixando-se, mesmo que inconscientemente, envolver-se pela inteligência coletiva. Platão, ao descrever *Er* quando este estava no além, narrou a seguinte cena:

E as almas, à medida que chegavam, pareciam vir de uma longa travessia e regozijavam-se por irem para o prado acampar, como se fosse uma panegíria; as que se conheciam, cumprimentavam-se mutuamente, e as que vinham da terra faziam perguntas às outras sobre o que se passava no além, e as que vinham do céu, sobre o que sucedia a terra. Umas, a gemer e a chorar, recordavam quantos e quais sofrimentos haviam suportado e visto na sua viagem por baixo da terra, viagem essa que durava mil anos, ao passo que outras, as que vinham do céu, contavam as suas deliciosas experiências e visões de uma beleza indescritível. (PLATÃO, 2000, p. 314).

As almas no além podem passar por dois caminhos: pelo céu ou pela terra, o que vai permiti-las desfrutar desses caminhos é a escolha adquirida através da liberdade a qual se torna fundamental no processo de escolha e na capacidade de felicidade do homem. Pode-se, por analogia, afirmar que no ciberespaço acontece o mesmo, as informações e os conteúdos são inúmeros, porém o acessar, postar e escolher depende do internauta. Segundo Platão, “mesmo para quem vier em último lugar, se escolher com inteligência e viver honestamente, espera-o uma vida agradável, e não uma desgraçada. Nem o primeiro deixe de escolher com prudência, nem o último com coragem” (PLATÃO, 2000, p. 317). A expressão ressalta a liberdade que está ligada, essencialmente, ao conhecimento da verdade e da escolha, outra pessoa não pode escolher no lugar de outrem. Assim, o que realmente é essencial para ser livre, é a busca pelo conhecimento verdadeiro através da visão profunda que liberta a alma. Platão afirma que a melhor das escolhas é aquela que permite distinguir a vida pior e a vida melhor:

De modo que, em conclusão de tudo isto, será capaz de refletir em todos estes aspectos e distinguir, tendo em conta a natureza da alma, a vida pior e a melhor, chamando pior à que levaria a alma a tornar-se mais injusta, e melhor à que a leva a ser mais justa. A tudo o mais ela não atenderá. Vimos, efetivamente, que, quer em vida, quer para depois da morte, é essa a melhor das escolhas. Deve, pois manter-se essa opinião adamantina até ir para o Hades, a fim de, lá também, se permanecer inabalável à riqueza e a outros males da mesma espécie, e não se cair na tirania e outras atividades semelhantes, originando males copiosos e sem remédio, dos quais os maiores seria o próprio que os sofreria; mas deve-se saber sempre escolher o modelo intermediário dessas tais vidas, evitando o excesso de ambos os lados, quer nesta vida, até onde for possível, quer em todas as que vierem depois. É assim que o homem alcança a maior felicidade. (PLATÃO, 2000, p. 317).

Através de qualquer rede social o ser humano pode e deve ser livre, contudo a inteligência no ciberespaço possuiu obstáculos<sup>5</sup> e diante deles, afirma Lévy: “O problema não é decidir entre ser a favor ou contra a inteligência coletiva, mas escolher entre suas diferentes formas” (LÉVY, 1996, p.121). Os problemas têm grande abrangência na sociedade, porém o que vai permitir a continuidade ou o impedimento da manipulação das mensagens, das notícias e dos acontecimentos em geral é a capacidade do indivíduo de usar a “virtude”, a visão profunda e a inteligência.

---

<sup>5</sup> Os obstáculos aqui referidos dizem respeito as novas formas de isolamento e de sobrecarga cognitiva, anteriormente, mencionados na página 7.

## CONCLUSÃO

Através do estudo realizado, é possível compreender que o ser humano até sabe usar o ciberespaço, todavia a forma que ele busca utilizar o conhecimento coletivo nesse dispositivo de comunicação é que dificulta a aquisição ou a obtenção do conhecimento verdadeiro proposto por Platão. Isso, porque, muitas vezes, a pessoa se baseia na imitação do ser e, deste modo, é influenciada pela inteligência coletiva, e, conseqüentemente, deixa de lado a inteligência individual que possui. Sendo assim, a presença virtualizada do ser humano no ciberespaço possui dois lados. O primeiro, diz respeito aos que fazem bom uso e veem as belezas das redes, como no exemplo do *Mito de Er*, quando se refere às pessoas que viam do céu as belas experiências. Já o segundo, refere-se àqueles que fazem mau uso das redes de modo que não aprendem nada de novo, logo não adquirem o conhecimento verdadeiro ou a visão profunda. No mito platônico, tais pessoas são as que passam pelo sofrimento em suas viagens por baixo da terra. E, por fim, entende-se que o processo de busca pela visão profunda sugerida por Platão depende das escolhas do ser humano, afinal a inteligência coletiva propõe muitas informações no ciberespaço e até influencia no pensar, mas quem tem a capacidade e a inteligência individual de filtrar e escolher essas informações é o próprio indivíduo.

## REFERÊNCIAS

HARE, R. M. **Platão**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2009. 117 p.

KEEN, Andrew. **O culto do amador**: como blogs, MySpace, Youtube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. 207 p.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2011. 214 p.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 3. ed. São Paulo: 34, 2010. 270 p.

\_\_\_\_\_. **Ciberdemocracia**. Tradução de Alexandre Emílio. Lisboa: Instituto Piaget. 2002. 254 p.

\_\_\_\_\_. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996. 157 p.

PLATÃO. **A República.** 3. ed. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2000. 321 p.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica:** para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013. 154 p.

REALE, G.; ANTISIERI, D. **História da Filosofia:** Antiguidade e Idade Média. Tradução de Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1990. v. 1. 693 p.

REZENDE, Antonio. **Curso de filosofia:** para professores e alunos dos cursos de segundo grau e de graduação. 13. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 311 p.